

# Vitória, a cidade

## das fortificações que desapareceram

AL 11.369

**A** Capitania do Espírito Santo já foi considerada pelo Governo de Portugal como "a defesa natural de Minas Gerais" ou trincheira capaz de impedir que os aventureiros passassem àquela região tão rica.

Com isso, construíram-se aqui inúmeras fortificações, das quais muitas, hoje, não mais existem.

Houve um tempo também em que se proibiu a abertura de estradas que levassem ao interior, impedindo comunicação com Minas, por via fluvial ou terrestre, para evitar o contrabando de ouro, sendo o litoral capixaba o mais próximo da área de mineração. A Vila de Vitória, embora inexpressiva, ganhou tantas fortificações quanto o medo dos governantes portugueses permitiu, tornando-se um verdadeiro arsenal.

Se existissem hoje, esses fortes seriam uma atração turística das mais valiosas.

Vitória não preservou as suas fortificações, o sistema defensivo que surgiu entre os séculos XVI e XVII, para cuidar de sua segurança. O boom imobiliário da presente época acabou com as nossas fortalezas, construídas após os ataques holandeses, não para defesa da terra capixaba, mas pela posição estratégica do Espírito Santo em relação a Minas Gerais, onde estavam as riquezas minerais.

Das fortalezas militares, descritas pelo capitão-mor Dionísio de Carvalho de Abreu, em 1724, restam hoje poucos vestígios. Tivessem sido preservadas e estariam figurando como uma das nossas mais importantes atrações turísticas. Mas desapareceram com a voracidade da expansão urbana.

Segundo o relatório, compunham o sistema defensivo a Fortaleza de Barra de

Foto de Gildo Loyola



São Francisco Xavier, em forma de círculo, situada na barra da baía do Espírito Santo, com nove peças de artilharia; a Fortaleza de São João, em forma semi-sextavada irregular, em frente ao Penedo, com artilharia de sete peças; a Fortaleza de Nossa Senhora da Vitória, no lugar superior onde estava a Fortaleza de São João; o Fortim de São Tiago, em uma praia da Vila de Vitória; a Fortaleza Nossa Senhora do Monte do Carmo, na marinha da Ilha de Vitória, casa de arma e de pólvora.

Um dos mais importantes documentos cartográficos e históricos relativos à baía de Vitória é a planta desenhada pelo engenheiro José Antônio Caldas, em 1767, mostrando em especial o sistema defensivo do Estado. O original desse mapa se encontra no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. A planta dá uma idéia ampla da baía de Vitória no século XVIII e serve para análise de evolução urbana.

A esse tempo, havia em Vitória, na margem sul, o morro fronteiro à barra (Moreno), rio da Costa, convento da Penha, dos franciscanos, forte São Francisco Xavier da Barra, Vila do Espírito Santo (Vila Velha), rio de Areviri (Aribiri) e o Pão-de-Açúcar (Penedo).

A margem norte encontravam-se a Ponta de Piraem (Tubarão), Ilha do Boi, Ilha dos Frades, rio de Maruípe (canal de Camburi), letra N (demarcando a atual Praia do Suá), Ponta da Praia de Bento Ferreira, Forte de São João, Reduto de Nossa Senhora da Vitória, Forte de São Diogo (próximo à atual escadaria São Diogo, na Praça Costa Pereira), Fortaleza de Nossa Senhora do Carmo (próxima à atual Praça Oito), Forte de São Ignácio (próximo à atual rua General Osório), Vila da Vitória (Cidade Alta).

MAURA FRAGA

5090. 1984. p. 3. 2. cod. p. 1.2